

Memória e espaço: sentimentos insulares pintados e cantados por Luísa Queirós e Conceição Lima

Eneile Santos Saraiva¹

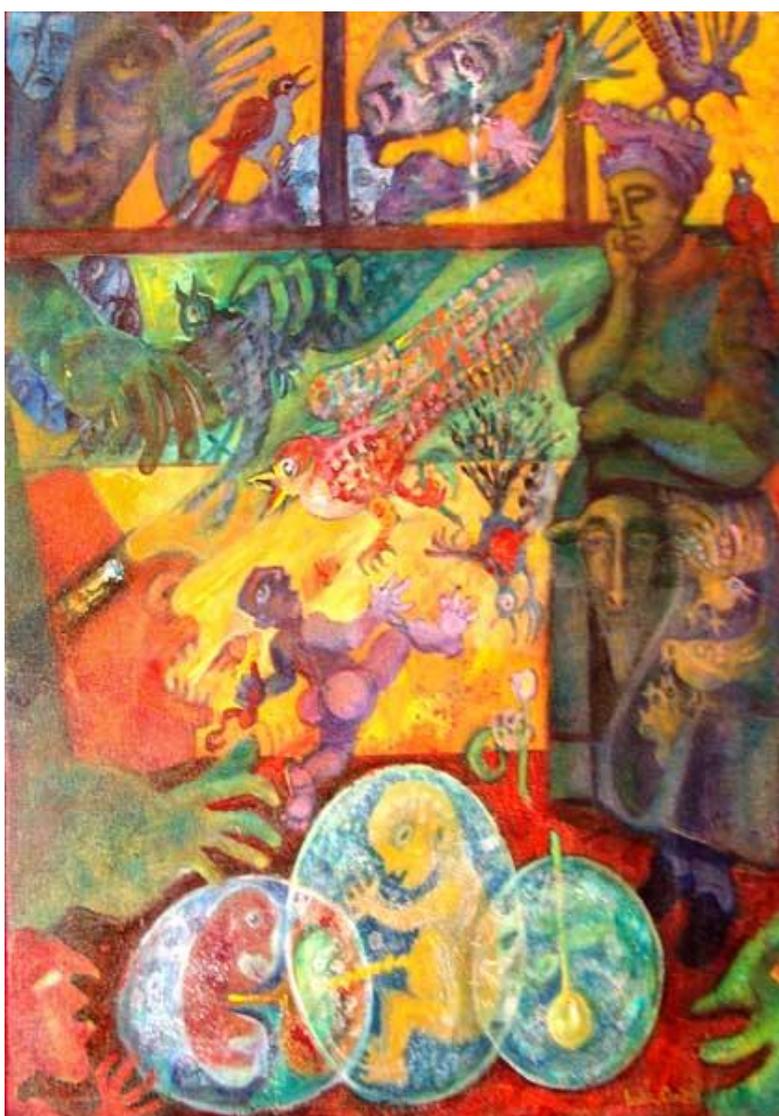


Ilustração "Xó pardal - Xó Manel Garçal" - Luísa Queirós

¹ Graduanda em Letras, habilitação Português-Literaturas, na UFRJ. Monitora da disciplina Português V. Sócia colaboradora da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL-RIO).

Introdução

Este trabalho faz parte do Projeto “Pelos trilhas da poesia e da pintura: paisagens, paixões e memórias de Angola, Cabo Verde e Moçambique”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco; tem como objetivo analisar criticamente o quadro “Xó pardal - Xó Manel Garçal”, da caboverdiana Luísa Queirós e o poema “A herança”, da santomense Conceição Lima, publicado no livro *O útero da casa*. As artistas em estudo consideram como suas pátrias, respectivamente, os arquipélagos de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe, que, até meados da década de 70 do século passado, eram colônias de Portugal. Nas produções das autoras, estão presentes a memória desse tempo de exploração e a da luta pela independência.

Como apoio teórico para a elaboração das análises, utilizar-se-ão os estudos sobre memória elaborados por Ecléa Bosi em *Memória e sociedade: lembrança dos velhos* e por Maurice Halbwachs, em *Os quadros sociais da memória*. As reflexões sobre poesia de resistência serão feitas com base no livro *O ser e o tempo da poesia*, de Alfredo Bosi.

Apresentação das artistas em estudo

A “caboverdiana de coração” Luísa Queirós nasceu em Lisboa. Em 1975, mudou-se para Cabo Verde. Ainda em Portugal, a artista licenciou-se em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, foi professora de desenho e lutou contra o regime salazarista. A jornalista Conceição Lima nasceu em 1961, em Santana, na Ilha de São Tomé. A sua produção literária dá-se, dessa forma, no pós-independência e sua escrita é marcada por grande plasticidade e alto teor estético.

Em um olhar atento para o poema “A herança”, apreende-se essa qualidade estética. A autora demonstra cuidadoso trabalho com a escolha lexical. Ela constrói o seu texto utilizando-se de versos livres, ou seja, ausentes de regularidade métrica e as rimas aparecem esporadicamente, ritmando o poema.

Podemos perceber a assonância contribuindo para o ritmo do poema nos versos 8 (assombro); 9 (dissipadas); 10 (presságio) e 11 (saqueada). Além disso, Conceição Lima constrói metáforas riquíssimas e importantíssimas para a significação do sentido do poema, como veremos a seguir, na análise do mesmo.

Correlação entre as obras das artistas

Tanto nos poemas de Conceição Lima como nas telas de Luísa Queirós, faz-se presente a recorrência à memória; esta, de acordo com Ecléa Bosi,

(...) permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e

ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI,1994, pp. 46 e 47)

A pintura aproxima-se da poesia e vice-versa, não só pela reminiscência que ambas as artistas exploram, mas também pela busca da expressão artística, por intermédio de manifestações metafóricas e polissêmicas. Assim, no texto “A herança”. imagens que, subjetivamente, se constroem na mente do receptor aludem ao momento de busca pela emancipação política. Processo semelhante ocorre em “Xó pardal-Xó Manel Garçal”, cujas imagens oníricas, metaforicamente, se referem, em uma das interpretações possíveis, à época da escravidão.

Partindo para a análise do poema “A herança”, faremos sua leitura e observaremos como a memória foi trabalhada nessa composição. A seguir o poema:

A herança

À Pépê e ao Rufino

Sei que buscas ainda
o secreto fulgor dos dias
anunciados.
Nada do que te recusam
devora em ti
a memória dos passos calcinados.
É tua casa este exílio
este assombro esta ira.
Tuas as horas dissipadas
o hostil presságio
a herança saqueada.
Quase nada.
Mas quando direito e lúgubre
marchas ao longo da Baía
um clamor antigo
um rumor da promessa
atormenta a Cidade.
A mesma praia te aguarda
com seu ventre de fruta e de carícia
seu silêncio de espanto e de carência.
Começarás de novo, insone
com mão de húmus e basalto
como quem reescreve uma longa profecia.
(LIMA, 2004, p.21)

O eu-lírico, parecendo tomar como interlocutores poetas e intelectuais da geração do pós-independência, recorda as promessas que havia na luta pela autonomia política, lembrando que essa seria a solução para todos os problemas da população santomense, como demonstram os seguintes versos: “Sei que buscas ainda” ”o secreto fulgor dos dias” ”anunciados”. Desse modo, depreende-se que há uma lembrança do passado; esta se manifesta sob a forma de “centelhas de perigo”, ou seja, a independência do país é repensada criticamente.

Walter Benjamin, no livro *A origem do drama barroco alemão*, fala da recorrência à “ruína” usada pelos artistas barrocos; segundo ele, “o que jaz em ruínas, o fragmento significativo, o estilhaço: essa é a matéria mais nobre da criação barroca” (BENJAMIN, 1961, p.200). Essa retomada do que restou em meio às degradações visava gerar a reflexão para que os momentos problemáticos do outrora não se repetissem no presente.

Processo semelhante é observado nas artistas em estudo e nas obras aqui analisadas. Elas deslocam os seus olhares para momentos perigosos e “arruinados” da história de suas Ilhas, com o intuito de repensar o pretérito, a partir do presente.

No poema, também há a remissão à geração que se pôs a lutar por São Tomé e Príncipe, pela sua cultura e principalmente pela sua emancipação política, como mostra o verso “a memória dos passos calcinados”, ou seja, metaforicamente, refere-se aos passos que não se recusaram a caminhar (lutar) e acabaram por se converter em cinzas.

Conceição Lima fala ainda em “herança saqueada” e, dessa forma, remete ao apagamento cultural sofrido em sua Ilha, cujos costumes, crenças e a cultura, de uma forma geral, foram rechaçados pelo colonizador português.

Apesar da consciência das dificuldades econômicas e sociais em São Tomé e Príncipe na época do pós-independência, Conceição Lima – nos três últimos versos: “Começarás de novo, insone”, “com mãos de húmus e basalto” e “como quem reescreve uma longa profecia” – alude à necessidade de a população são-tomense recomeçar os questionamentos políticos e fundar bases sólidas para alcançar uma nação próspera e igualitária.

Em nossa leitura, o poema analisado pode vir a correlacionar-se com a tela “Xó pardal-Xó Manel Garçal”, obra surrealista, cuja técnica utilizada é acrílico e colagem. O quadro é composto por figuras dissonantes, por meio das quais Luísa Queirós cria uma imagem final onírica, ou seja, a tela alude a visões irreais, como as produzidas durante o sonho.

Em uma reflexão sobre o título do quadro, que faz parte da coleção *Cantiga de Trabalho*, pensamos nos afazeres agrícolas, realizados tanto em São Tomé e Príncipe como em Cabo Verde. As cantigas, geralmente melancólicas, eram entoadas por esses trabalhadores e os ajudavam a enfrentar as difíceis condições de labor. Assim, logo no título, que se refere a uma dessas cantigas que eram cantadas (no caso específico dessa presente no título, pesquisamos e descobrimos que servia para espantar os pássaros da plantação), Luísa Queirós retoma a memória dos tempos de escravidão.

No quadro, há figuras de pessoas desconsoladas, como experimentadoras de um caos. A imagem do pássaro, que aparece em primeiro plano, é importante para a construção de sentido da tela, pois, geralmente, em diversas tradições artísticas, esse se faz metáfora de liberdade. Na tela, a ave está desesperada, como se tivesse ameaçada a sua independência, já que parece ter sido agredida, provavelmente por estar atacando a plantação.

As pessoas pintadas no quadro estão com a fisionomia séria, com um ar de preocupação, apesar de todo o colorido, marcado por tonalidades africanas bem fortes, o que proporciona um contraste fabuloso dentro da própria tela. A mulher, retratada em primeiro plano, parece conformada com a situação de caos pintada por Luísa Queirós. Há um animal em sua saia, como se fosse parte dela. Essa imagem pode ser uma metáfora referente ao trato dado pelo colonizador português aos povos africanos. Assim, mais uma vez, tem-se uma remissão ao passado, com o intuito de se repensar momentos de perigo, no caso, a escravidão em Cabo Verde.

Luísa Queirós pinta três espécies de úteros : o primeiro com um bebê humano; este é ligado, por meio de um cordão, a um segundo que guarda um filhote de uma ave. O terceiro aparece ao lado esquerdo, contendo algo em processo de germinação. A ave, que em outras imagens da tela aparece aterrorizada e aterrorizante, agora ganha outra significação. Paradoxalmente, em relação às demais imagens do quadro, a interligação entre os úteros pode alegorizar a liberdade tão desejada durante a escravidão.

O terceiro útero, não ligado aos dois outros, significa a pátria em formação. Relacionando-o com o poema “A herança”, observamos que, nesse ponto, a artista plástica alude, metaforicamente, à reconstrução de Cabo Verde enquanto nação. Desse modo, a geração presente precisa enfrentar o caos, não se habituar a tal situação e lutar pela construção de uma nação forte e justa.

O sociólogo francês Maurice Halbwachs trata a memória como um fenômeno social, isto é, afirma que estuda “os quadros sociais da memória” (HALBWACHS, 1994, p.54). Tal autor explica que recordarmos, porque a situação presente e o outro nos fazem lembrar: “o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam” (HALBWACHS, 1994, p.54).

Dessa forma, observa-se que a memória social faz-se presente nas obras aqui analisadas, pois a temática das mesmas nos remetem sempre a uma volta conflituosa, no caso de Conceição Lima, ao passado de São Tomé e Príncipe e no caso de Luísa Queirós a um passado em que figurava a escravidão em Cabo Verde.

Considerações finais

No poema “A herança”, Conceição Lima recorre à memória social, quando alude a momentos ruinosos vivenciados por São Tomé e Príncipe na busca pela sua independência e pela sua reconstrução cultural. Na tela “Xó pardal - Xó Manel Garçal”, a memória social é perceptível nas imagens plasmadas por Luísa Queiros que remetem ao trabalho agrícola do antigo regime escravocrata em Cabo Verde.

Alfredo Bosi, no livro *O ser e o tempo da poesia*, propõe um estudo sobre a poesia de resistência; como uma das várias formas de resistir, o autor

aponta para a volta ao passado feita pelo artista que, inconformado, mas atento às suas responsabilidades sociais, se mostra contrariado e insatisfeito com a situação social presente. Assim, segundo Bosi, “a poesia resiste à falsa ordem, que é a rigor, barbárie e caos”. (BOSI, 1999, p. 150)

Concluindo, observamos que temas sociais são vinculados às obras de arte das artistas que, ao proporem essa volta ao passado, demonstram ter consciência da arma que possuem em suas mãos: a literatura e a pintura. Cabe ressaltar que, embora as obras de Conceição Lima e Luísa Queirós estejam aliadas às questões sociais, isso não as faz perderem o seu teor estético e a sua característica de, nos termos de Jauss (1979), “ressignificarem” e mexerem com a recepção do leitor, o qual as interpretará, sempre, de acordo com suas experiências de vida.

Referências

BENJAMIN, Walter. A origem do drama barroco alemão. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BOSI, Eclea. Memória e sociedade: lembrança dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

Halbwachs, Maurice. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Albin Michel, 1994.

JAUSS, Hans Robert *et alii*. A estética da recepção: colocações gerais. In: A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Coord. e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. pp. 43-62. (Coleção Literatura e Teoria Literária, v. 36)

LIMA, Conceição. O útero da casa. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

<<http://www.artafrica.info/>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2008.

<<http://www.perve.org.pt/Galeria/5aniversario/Galeria.htm>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2008.

<<http://atlantico-expresso.net/cabo-verde/tive-uma-caixa-cheia-de-botoes/2008/07>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2009.

<http://www.biggameclubeportugal.com/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=117&Itemid=207>. Acesso em: 13 de março de 2009.